

PALESTRA REALIZADA NO II SEMINÁRIO SOBRE IMIGRAÇÃO ITALIANA EM MINAS GERAIS

Barbacena, MG – 21 de outubro de 2006

Em nossa palestra apresentamos um panorama geral sobre a Colônia e a origem de alguns imigrantes italianos que viveram em Leopoldina.

A Colônia Agrícola da Constança surgiu para desenvolver a agricultura aproveitando o braço imigrante e as facilidades para o escoamento da produção pelos trilhos da Estrada de Ferro da Leopoldina. O seu povoamento inicial foi constituído principalmente por imigrantes chegados a Leopoldina antes da sua fundação. Foi criada, **oficialmente**, pelo Decreto Estadual nº 2801, de 12.04.1910, embora, na verdade, ela tenha começado a existir um pouco antes.

Relatório de 1909 informa que em 02.03.1909 o governo adquiriu as primeiras fazendas que foram loteadas. E diz que ela foi *“Fundada em terras das fazendas anexadas e denominadas Constança, Sobradinho, Boa Sorte, Onça e o sítio Puri. Tem área de 17.437.500,00 metros quadrados, (360 alqueires, aproximadamente) dividida em 60 lotes, com cerca de 25 hectares (5 alqueires) cada um e um logradouro público.”*

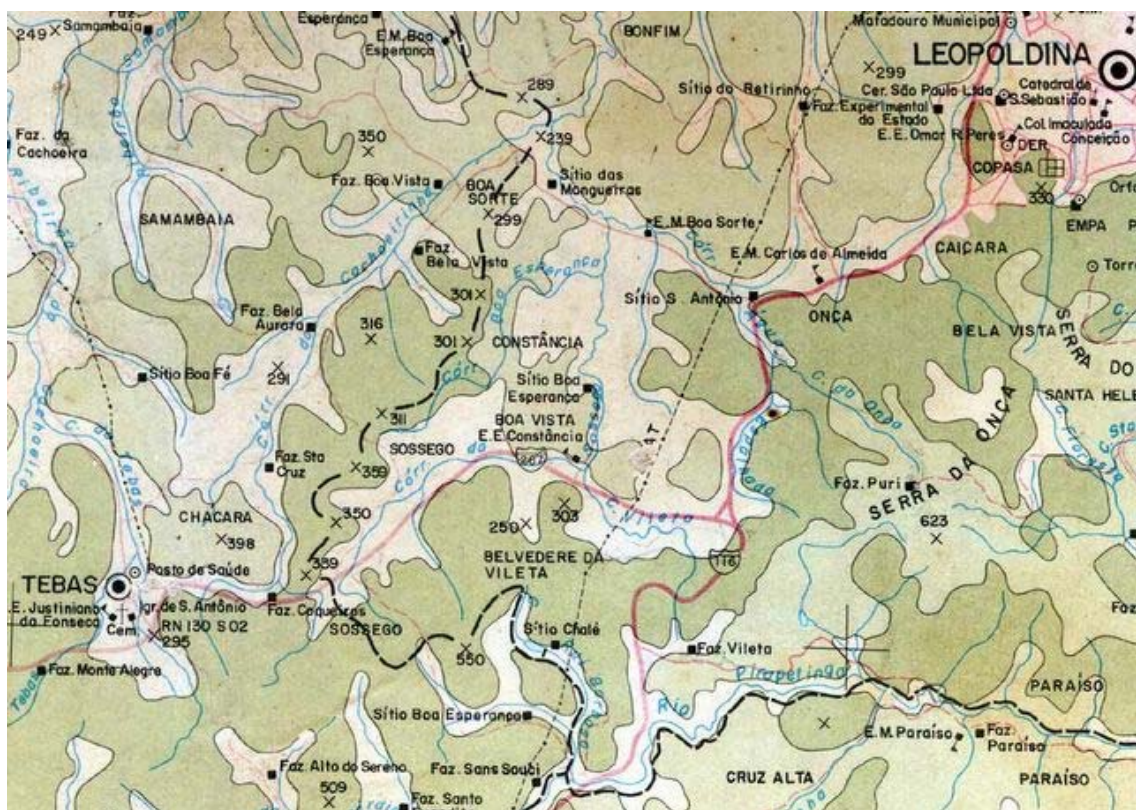
Após a aquisição de parte da fazenda Palmeiras a Colônia chegou aos 73 lotes, o seu número máximo. Aqui vale esclarecer que, embora se tenha dito que os lotes eram de 5 alqueires, é importante observar que esta não era uma medida rígida. Tanto podemos encontrar lotes com 210 mil m² (4,37 alqueires), o de nº 41, quanto o de nº 28, com 355 mil m² (7,39 alqueires).



Localização da Colônia

O Relatório de 20.03.10 diz que *"Está a colônia sendo fundada no município de Leopoldina, no districto da sede, distando da mais próxima estação da estrada de ferro "Leopoldina Railway" cerca de 9 kiloms., distancia que varia para 10, 5 e 4 kil., conforme o ponto de partida."*

Para os interessados em localizá-la nos mapas atuais diríamos que as suas terras margeiam a BR-267, no trecho que parte do entroncamento com a BR-116, até as proximidades do distrito de Tebas. E, pela margem direita da BR-267, no sentido Leopoldina - Juiz de Fora, o loteamento se aprofunda até às proximidades das propriedade denominadas Bonfim e Taquaril e, dali, numa linha mais ou menos paralela a esta BR-267, segue até encontrar novamente a BR-116, nas proximidades da Igreja de Santo Antônio, no limite do atual perímetro urbano de Leopoldina.



Dentro desse quadrilátero, ao que apuramos, quase todas as terras pertenceram à Colônia. Hoje esta área é conhecida como bairro rural da Boa Sorte – que é cortado por estrada municipal de boa conservação e com linha regular de ônibus municipal - e, por bairro rural da Constança, na parte que reúne as terras que ficam às margens da BR-267.

Nos dois bairros encontram-se lotes que foram subdivididos e, em alguns deles, pequenas vilas de casas com ares de comunidade urbana. Noutros, boas casas de veraneio demonstram a prosperidade de alguns descendentes, ou adquirentes, daqueles imigrantes do passado.

Os administradores

A Colônia Agrícola da Constança era dirigida por um representante do governo, administrador, responsável pela demarcação, preparo, venda dos lotes e atendimento aos colonos.

Consta que o primeiro deles foi Fernando Sellani, que permaneceu no posto até outubro de 1909. Para suceder-lhe foi nomeado Guilherme Prates que, permaneceu no cargo somente até 16.05.1911 quando foi transferido para a Colônia Santa Maria, em Astolfo Dutra.

Nessa mesma ocasião veio da Santa Maria, Félix Schmidt, que administrou a Constança de meados de maio a 30 de junho de 1911, quando faleceu.

Assumiu o cargo a partir daí, Climério Duarte Godinho que já exercia a função de auxiliar desde julho de 1909 e que permaneceu até a emancipação da Colônia, ocorrida em 03.03.1920.

A população

Dissemos que os lotes da Colônia foram vendidos **principalmente** aos imigrantes porque ocorreram também algumas aquisições por parte de brasileiros natos.

Mas com toda a certeza foram os imigrantes que se constituíram, em maior parcela, na primeira população daquele núcleo agrícola.

Em 1909 a Colônia acolheu 56 habitantes (31 pessoas do sexo masculino e 25 do feminino), de 11 famílias diferentes, que ocuparam os 15 lotes até então preparados.

Quanto à religião, 45 delas eram protestantes e as outras 11 declararam-se católicas.

Dos colonos assentados no primeiro ano, 7 abandonaram a Colônia ainda em 1909 e outros dois no ano seguinte, sem que se tenha as razões destas desistências.

Imaginamos que talvez o clima tenha sido influenciado nestas saídas. Leopoldina está numa região muito quente. Existe um relatório onde o administrador diz textualmente que os colonos eram assíduos, demonstravam aptidão e boa vontade, mas "*devido ao clima desta zona, auxiliado pelas fortes soalheiras, os colonos alemães executam os trabalhos muito lentamente, não correspondendo o esforço physico ao beneficio alcançado*".

ANO	HABITANTES	ANO	HABITANTES
1909	56	1910	255
1911	386	1912	426
1913	664	1914	596
1915	836	1916	1048
1917	1065		

Outro aspecto que também pode ter contribuído para a saída talvez seja o religioso. A maioria dos colonos era protestante e na Constança não houve o cuidado com o lado religioso dos que não professavam a fé católica, como ocorreu em outras colônias.

Mas com tudo isto, ao final de 1917, a população da Colônia atingia 1065 habitantes.

Uma continha rápida. 1065 habitantes divididos pelos 73 lotes dá quase 15 pessoas por lote de 5 alqueires ou, 3 pessoas por alqueire.

Produção

Basicamente a Colônia produzia milho, arroz, feijão, algum café, fumo, mandioca, batata, cana-de-açúcar, amendoim, hortaliças e frutas. E quase todos os colonos criavam porcos, galinhas, patos e alguns chegaram a possuir animais maiores como bois de carro, vacas leiteiras e, cavalos utilizados para tração e transporte. Da Colônia também saiu muita lenha e muita madeira em geral, para as caldeiras da estrada de ferro e para as serrarias da região.

O progresso da Colônia

No relatório de 1909 está a informação de que a Colônia contava, naquele ano, com **"17 casas definitivas para colonos, 11 provisórias, 3 engenhos para fubá, 1 dito de serra, 1 dito de beneficiar café, com motor, 2 prédios das antigas fazendas "Constança" e "Boa Sorte", 1 roda de ferro movida a água e 1 carroça velha"**.

Mas estes números mudaram rapidamente.

Muitas outras casas foram construídas. Um dos engenhos de serra foi ampliado e se transformou numa fábrica de vassouras, tamancos e outros objetos de madeira. Surgiram as olarias e cerâmicas. Os moinhos de fubá melhoraram a produção. Surgiram os engenhos de cana e, já no seu final a Colônia passou a contar com pelo menos uma grande casa de comércio de "Secos e Molhados", a Casa Timbiras", um verdadeiro entreposto comercial.

Lote	Colono	Lote	Colono
5	DE LORENZI	34	STEFANI
5	MICARELLO	35	CASADIO
6	CAMPANA	38	SECANELLI
7	CARRARO	39	LUPATINI
8	FOFANO	42	FERRARI
9	MENEGHETTI	50	BEATRICI
11	BALBINI	53	BEATRICI
12	COLLE	55	ANZOLIN
13	PITTANO	56	GIULIANI
14	ZAMPARO	57	ANZOLIN
20	MARCATTO	58	CARMINATTI
23	BONINI	59	PEDRONI
25	MENEGHETTI	59	CARMINATTI
26	GOTTARDO	60	SELLANI
27	FOFANO	61	BRANDO
28	MONTAGNA	63	PRADAL
30	LUPATINI	64	PRADAL

Contou a Colônia com escola primária (na Boa Sorte) e uma Igreja Católica devotada a Santo Antônio (a igreja da Onça), construída em 1915.

Campos de futebol e raias para jogo de malha (similar à bocha) eram os locais de diversão.

A contribuição para o progresso de Leopoldina

É evidente que a produção das lavouras, pomares, terreiros, moinhos, engenhos e olarias da Colônia foi importante para o progresso de Leopoldina e sua região. Também é evidente que esta

produção fez movimentar muita riqueza pelas estradas de chão batido da Colônia e pelos trilhos da Estrada de Ferro da Leopoldina.

Acreditamos, no entanto, que a grande contribuição da Colônia e dos imigrantes não está somente nestes aspectos. O contacto entre diferentes culturas e os exemplos de trabalho e dedicação à nossa terra, deixados por aqueles imigrantes, foram importantíssimos para o progresso da cidade.

Foi a dedicação e o trabalho do imigrante que nos permitiram, sem grandes traumas, fechar o ciclo do coronelismo e iniciarmos o de um desenvolvimento mais igualitário, onde a riqueza deixou de estar apenas nas mãos de uns poucos fazendeiros. E o resultado disto pode ser visto hoje, sem a necessidade de técnicas e recursos de grandes observadores e analistas. **Basta consultar a lista telefônica de Leopoldina.** Nela se observará que uma grande parcela dos sobrenomes que dominam o comércio, a indústria, as prestadoras de serviços e muitas outras atividades produtivas da cidade, são de descendentes de famílias de imigrantes.

A origem dos Colonos Italianos



Pesquisando os moradores de Leopoldina até 1920, foram encontradas 1348 pessoas nascidas na Itália. Além da nacionalidade, obtivemos informações adicionais a respeito de 460 daqueles antigos habitantes e, até o momento, deste universo, foi possível identificar 172 grupos familiares.

Queremos ressaltar que nossos estudos se concentram nas famílias que viveram na Colônia ou no município de Leopoldina e que, muitas vezes nos defrontamos com trajetórias bastante diferentes em relação aos italianos que se estabeleceram em outras regiões do país.

Leopoldina recebeu imigrantes procedentes de 14 regiões da Itália: Lombardia, Friuli-Veneza Giulia, Veneto, Piemonte, Emilia Romagna, Toscana, Umbria, Marche, Abruzzo, Campania, Basilicata, Calabria, Sicília e Sardegnha.



Tal diversidade representa uma dificuldade adicional para o estudo dos imigrantes. As diferenças culturais entre as regiões italianas nos impedem de traçar o perfil daqueles que contribuíram para a modificação de Leopoldina, quer seja no aspecto social ou econômico.

Importante destacar que temos encontrado maior facilidade de pesquisa, via *internet*, em províncias do norte da Itália, o que pode nos levar a conclusões inadequadas como, por exemplo, dizer que a maioria dos imigrantes residentes em Leopoldina veio do Veneto.

Esta não é, definitivamente, a nossa opinião. Até porque, sabemos que famílias naturais de uma região obtiveram o passaporte em outra.

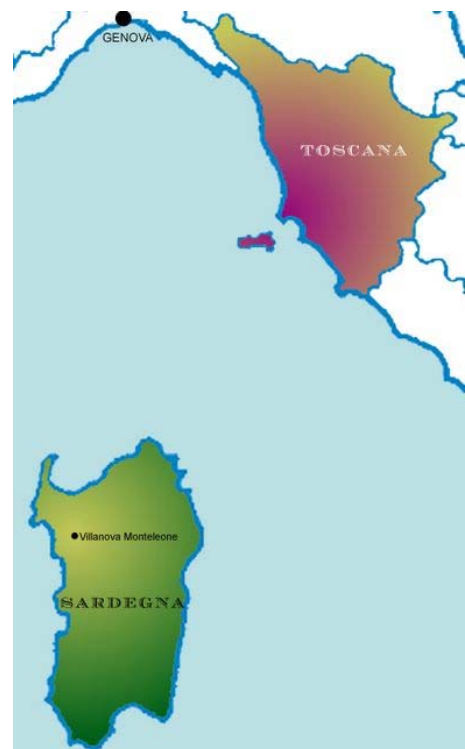


Como exemplo, temos os Anzolin, uma das famílias procedentes de Venezia, no Veneto.

Giovanni Anzolin nasceu em 1878 e seu irmão Basílio em 1881, em Portogruaro, província de Venezia, região do Veneto. A família residiu em diferentes comuni do Veneto antes de se transferirem para Cinto Caomaggiore, onde Giovanni Anzolin casou-se em 1899. Algum tempo depois estavam em Pravidómini, Pordenone, Friuli-Venezia Giulia. Quando o passaporte foi concedido, em 1910, estavam residindo em Pordenone.

Situação semelhante aconteceu com algumas famílias de agricultores sardos.

Os filhos de Leonardo Raimondo Fois, nascidos em Villanova Monteleone, Sassari, Sardenha, repetiram o hábito da família de ir ao continente para competir nas festas do *palio* na Toscana, sendo remunerados pelas famílias representadas pela bandeira que defendiam. Mas enquanto seus ancestrais voltavam para a ilha natal alguns meses depois da festa, foram ficando pela Toscana, como trabalhadores eventuais em diferentes cidades, até conseguirem o passaporte. Dos sete filhos de Leonardo Fois, encontramos 4 vivendo em Mirai, Muriaé e Leopoldina nos últimos anos dos oitocentos.



A época da travessia do Atlântico.

Conforme apuramos em documentos da Divisão de Terras e Colonização da Província de Minas Gerais, já em 1881 os fazendeiros de Leopoldina contrataram imigrantes italianos para suas lavouras.

Entretanto, a mais antiga família italiana que conseguimos identificar - os Pagano, originários de Salerno, na Campania - já estava na cidade em novembro de 1880. O que não podemos afirmar é que tenham sido agricultores.

Além dos Pagano, identificamos também os Lammoglia da Basilicata e os Palgo da Emilia Romagna como imigrantes anteriores a 1888.

Ainda de acordo com a Divisão de Terras e Colonização, em 1888 estava sendo construída a Hospedaria Provincial em Juiz de Fora. Os imigrantes que se dirigiam para a zona da mata mineira na época eram encaminhados para a hospedaria de Ubá ou para a Jacareacanga, em Leopoldina. Vale observar que mesmo sendo leopoldinenses, não conseguimos localizar documentos referentes a esta hospedaria Jacareacanga. Apenas sabemos, pelos Relatórios, que no ano de 1898 foi feito um aporte de 1:221\$500 para conclusão do processo de extinção da Jacareacanga. E, suspeitamos que este processo de extinção já se arrastava por cerca de 10 anos.

É de se registrar que a maior incidência de imigração entre os italianos que viveram em Leopoldina aconteceu entre os anos de 1888 e 1898. Estamos ainda analisando os fatos históricos da região de origem, estimulados que fomos por uma observação interessante.

Enquanto os imigrantes de 1888 eram majoritariamente do Veneto, a partir de 1894 começaram a chegar os lombardos. Assim é que de 1888 temos os Ceoldo e Gottardo de

Vigonza, os
Fazolato e
Meneghetti de
Campolongo
Maggiore, os
Marinato de Pianiga
e os Righetto de
Camponogara.
Em 1894
chegaram os
Sangalli e os Sardi,
de Milano, na
Lombardia. Já os
Bolzoni, Campana,
Carminatti, Cosine
e Lupatini, também lombardos, chegaram em 1896.



Sem nos esquecermos, entretanto, que neste período continuavam chegando imigrantes de outras regiões, como os Guersoni, da Emilia Romagna, imigrados em 1890.

Voltamos a ressaltar que tem sido muito mais fácil pesquisar nas províncias do norte da Itália e que isto representa o risco de uma conclusão simplista sobre a origem dos italianos que viveram em Leopoldina.

A confirmar as dificuldades das outras regiões, citamos como exemplo o caso da família Sellani, do Abruzzo, imigrada em 1898. Foi com a ajuda de descendente que viajou até a Itália, em busca dos registros familiares, que pudemos avançar no entendimento da história desta família. Conforme José Luiz mencionou, um Sellani vendeu uma propriedade para a Colônia Agrícola da Constança e foi seu administrador no período imediatamente anterior à criação oficial. O que demonstra, inclusive, que entre os italianos embarcados por representantes da Província de Minas Gerais, alguns exerceram atividades diferenciadas.

Em abril de 1910 foi instalada oficialmente a Colônia Agrícola da Constança. Portanto, dentro de pouco mais de três anos estaremos comemorando o centenário daquele núcleo colonial que, já emancipado em 1920, até hoje povoa a nossa memória como o local de acolhida definitiva dos imigrantes que mudaram a identidade sócio-cultural da cidade de Leopoldina.

José Luiz Machado Rodrigues

Nilza Cantoni

VOLTA

PÁGINA PRINCIPAL

FALE CONOSCO